

EDUCAÇÃO

Cursos de magistério estão em decadência

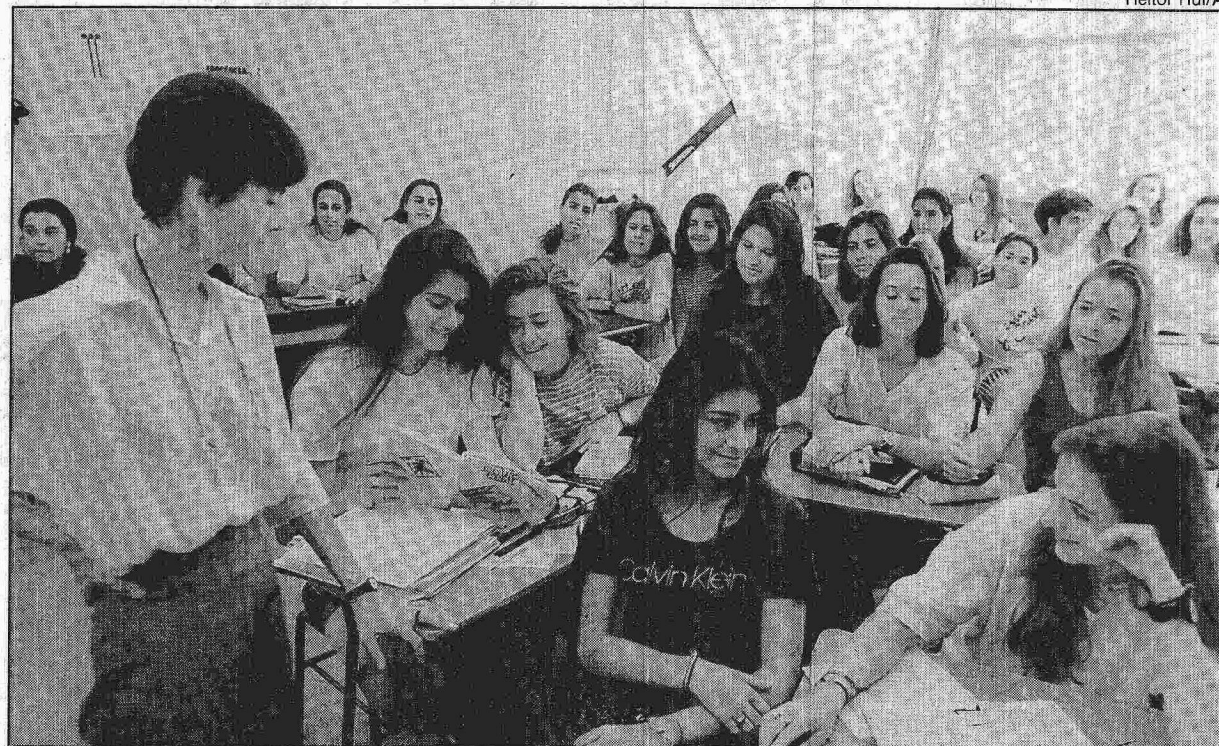
Baixa demanda leva escolas privadas a extinguir cursos; ensino na rede estadual é criticado

ROSA LUIZA BAPTISTELLA

A falta de interesse dos jovens pela carreira do magistério está acabando com os cursos técnicos de formação de professores nas escolas particulares paulistas. A rede estadual arca praticamente sozinha com a responsabilidade na preparação de alfabetizadores, mas pesam críticas severas sobre a qualidade de seu ensino. Embora a demanda nos cursos permaneça estável (132.441 alunos matriculados em 92 e 136.999 em 93), o ciclo básico tem necessidade de mão-de-obra qualificada. Como a carreira deixou de ser atraente, principalmente por causa dos baixos salários (veja quadro), a maioria dos professores está nas salas de aula ocasionalmente.

Nos últimos anos, escolas particulares tradicionais de São Paulo — como o Pueri Domus e o Santa Marcelina — extinguiram o curso de magistério. Em outras, como o Magno, o curso nem chegou a formar uma turma. Aqueles que ainda funcionam apresentam um quadro desolador: o centenário Colégio Nossa Senhora do Sion vai diplomar oito professoras este ano e o Stella Maris, depois de 30 anos de experiência no ramo, diplomará 11.

Ninguém mais quer ser professor. Ao sugerir à filha Daniela, 17 anos, que fizesse licenciatura, o presidente do Sindicato dos Professores de Escolas Particulares, Luis Antonio Barbagli, teve de engolir a resposta: "Você está louco?" Como constata a coordenadora pe-



Heitor Hui/AE

Alunas do curso de magistério no Porto Seguro: idéia é abastecer mercado de bons profissionais

dagógica do curso de magistério do Sion, Cristina Figueiredo, "a desvalorização do profissional começa muitas vezes na própria família". Ela chega a dizer que "alguns pais deixam os filhos cursar o magistério para garantir um 'diplominha'".

ESTRUTURA É PRECÁRIA NAS UNIDADES ESTADUAIS

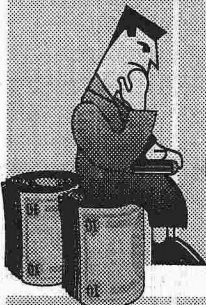
Até a década de 70, havia pelo menos 30 alunos por classe no Sion. Hoje há 80 nos quatro anos. "A imagem pública do professor está muito comprometida no cotidiano da sociedade", afirma o coordenador de ensino técnico do Centro Educacional Tecnológico Paula Souza, José Fusati. "Não há possibilidade de ascensão na carreira", salienta Barbagli.

Segundo educadores, com exce-

ção dos 54 Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefams) que são considerados de excelência, a estrutura é precária nas demais: 579 escolas estaduais que oferecem a habilitação. "Os cursos de habilitação necessitam de reorganização curricular", analisa Fusati. "Técnicamente, o Cefam é alternativa viável, mas já está cambaleando." Para ele, a desmontagem e desqualificação dos cursos de magistério resultam do descompromisso do Estado com a educação.

A chefe da Coordenadoria de Normas Pedagógicas da Secretaria Estadual de Educação, Regina Yvamoto, diz que o currículo dos Cefams é igual ao das outras 579 escolas com cursos de habilitação. "O enriquecimento é na formação global", afirma. "O governo tem se empenhado na formação do professor, senão seria um prejuízo para a educação."

SALÁRIO MÉDIO EM AGOSTO

	Rede pública estadual	Professor 1/Efetivo (sem formação universitária) R\$ 256,00 (20 horas semanais) 10.600 profissionais R\$ 436,00 (40 horas semanais) 39.700 profissionais
		Professor 1/Temporário R\$ 237,00 (30 horas semanais) 43.100 profissionais
	Rede particular	Professor primário (1ª a 4ª séries) A faixa é muito variável. Os extremos são R\$ 205,76 no Colégio Humaitá e R\$ 1.237,68 no Colégio Nossa Senhora das Graças (por 22 horas semanais).

Fonte: Sindicato dos Professores da Rede Estadual (Apadesp)
Sindicato dos Professores das Escolas Particulares (Sinpro)